

A intervenção precoce e a participação como pilares do projeto HOOD

A intervenção precoce assume uma posição basilar no projeto HOOD e foi objeto de relevo na primeira fase do projeto. Neste documento, a intervenção precoce é enquadrada no trabalho desenvolvido durante o primeiro ano do projeto. São, ainda, identificados pontos de contacto entre a intervenção precoce e outros elementos presentes no projeto HOOD, tais como a participação das pessoas destinatárias e a redistribuição de poder na intervenção social.

Falar sobre intervenção precoce



Tornar evidente a importância da intervenção precoce e promover o desenvolvimento de uma nova metodologia baseada em Práticas Dialógicas e na Abordagem de Co-Planeamento Capacitante no trabalho desenvolvido com pessoas que recentemente ficaram em situação de sem-abrigo são pilares essenciais do projeto HOOD. O primeiro *Intellectual Output*¹ (IO1) do projeto HOOD focou-se na intervenção precoce, procurando integrar os contributos das várias atividades que se foram desenvolvendo, como a metodologia de Co-Planeamento Capacitante.

A intervenção precoce é fundamental no combate às situações de sem-abrigo. Um relatório recente (Baptista & Marlier, 2019: 94) enfatiza que “os serviços de apoio à população sem-abrigo na Europa não têm uma abordagem suficientemente preventiva, e não enfatizam como deveriam a importância de integrar procedimentos para a deteção precoce de situações de risco (por exemplo, despejos) e de lhes garantir o seu rápido realojamento e/ou acesso prioritário à habitação”.

O tempo é um fator central que molda as competências e os elementos de identidade da pessoa, na medida em que ao passar mais tempo na rua e em serviços de apoio de baixa intensidade, as pessoas tendem a perder progressivamente recursos e competências

“É necessário promover perspetivas que incluam a prevenção das situações de sem-abrigo numa dimensão mais abrangente e que garantam que a intervenção precoce enquadra políticas, práticas e estratégias destinadas a combater o risco imediato de situações de sem-abrigo”

ficando numa situação progressivamente mais vulnerável. Para além disso, após um determinado tempo em situação de sem-abrigo, as pessoas tendem a padronizar os seus comportamentos.

Como estratégia para conseguir lidar com a situação em que se encontra, a pessoa em situação de sem-abrigo tende a reduzir competências, a restringir as suas redes sociais e a limitar as suas perspetivas de futuro, ficando “presa” no presente. Uma pesquisa qualitativa sobre o efeito da passagem do tempo no bem-estar de pessoas em situação de sem-abrigo e sem-teto em Turim, sublinhou que a quantidade de tempo passado na rua e em serviços de baixo intensidade constitui um elemento que diferencia em termos de capacidade de sobrevivência e construção de identidade, apelando, pois, à importância de uma intervenção atempada. (Meo, 2000)

Neste sentido, torna-se necessário analisar a situação da população sem-abrigo à luz de um modelo sequencial que considere o tempo como elemento central dos percursos individuais dessas pessoas. É essencial promover perspetivas que incluam a prevenção das situações de sem-abrigo numa dimensão mais abrangente e que garantam que a intervenção precoce enquadra políticas, práticas e estratégias destinadas a combater o risco imediato de situações de sem-abrigo, através da partilha de informações, avaliação e acesso ao apoio necessário.

A intervenção precoce pode, igualmente, ser uma estratégia facilitadora de uma mudança progressiva de paradigma: de uma abordagem centrada na emergência para uma abordagem centrada na prevenção. Esta perspetiva pode, pois, fazer parte do 'mapa para resolver a situação de sem-abrigo' identificado por Pleace et al., para quem existe uma resposta comprovadamente eficaz e que “pode ser usada como estratégia para reduzir significativamente os números e reduzir significativamente o risco de viver em situação sem-abrigo” (Pleace et al., 2018: 97). Com base em pesquisa feita no Canadá, Stephen Gaetz e Erin Dej (2017) também reconhecem a mais-valia da intervenção precoce enquanto abordagem prática que pode promover a mudança progressiva acima mencionada. Os autores analisam a importância das estratégias de intervenção precoce, sobretudo junto de pessoas e/ou famílias em risco iminente de ficarem em situação de sem-abrigo ou que recentemente ficaram em situação de sem-abrigo. A sua análise centrou-se particularmente na eficácia da intervenção precoce no que se refere ao trabalho com jovens, grupo identificado como particularmente vulnerável se se mantiver por algum tempo em situação de sem abrigo.

“As intervenções devem considerar os recursos da pessoa, os seus interesses, valores pessoais, etc. Envolver as pessoas, trabalhando com elas individualmente, com o objetivo de trabalhar as relações positivas, criando sentimento de pertença entre os participantes, autodeterminação e reconhecimento das perspetivas das pessoas participantes; estes aspetos são todos importantes”

Impacto da cultura profissional e da redistribuição de poder

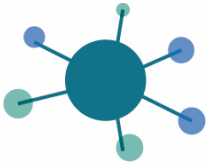
A heterogeneidade da população em situação de sem-abrigo deve ser reconhecida, bem como a complexidade da relação entre fatores estruturais e fatores individuais. As intervenções devem considerar os recursos da pessoa, os seus interesses, valores pessoais, etc. Envolver as pessoas, trabalhando com elas individualmente, com o objetivo de trabalhar as relações positivas; fomentar a autodeterminação e o sentimento de pertença entre os/as participantes; e reconhecer as perspetivas das pessoas participantes; todos estes aspetos são importantes. As culturas profissionais tradicionais tendem a evitar estas possibilidades porque consideram que os/as profissionais devem estar sistematicamente no controlo para que o processo se desenvolva exatamente como planeado. Neste tipo de abordagem, as contingências, as mudanças e as incertezas são consideradas como fatores perturbadores.

" é necessário que o/a profissional adote uma postura dialógica: ele/a não mais assumirá que sabe mais sobre o objetivo e como chegar lá; ao invés disso, adotará uma posição não de orientação, mas de apoio"

Se as pessoas destinatárias fizerem escolhas pessoais, que se desviem dos percursos já estabelecidos pelos/as profissionais, podem vir a ser punidas ou excluídas. Tais sanções podem ter um impacto negativo na vida dessas pessoas e podem, inclusivamente, ser uma forma de violência estrutural, ou seja, uma forma de violência em que as estruturas sociais ou instituições sociais acabam por prejudicar as pessoas destinatárias, impedindo-as de satisfazer as suas necessidades básicas (Galtung, 1969; Lee, 2019).

De facto, a literatura tem vindo a enfatizar que, muitas vezes, os sistemas sociais existentes que apoiam as pessoas socialmente excluídas podem constituir, em si mesmos, um fator de exclusão. Os requisitos, as punições e sanções impostas às pessoas destinatárias são frequentemente entendidos como um lembrete da sua incapacidade pessoal, conduzindo ao estigma e à exclusão autoimpostos (Maini-Thorsen, 2018; Ramsdahl, et al., 2018). Isso também acontece, em grande medida, devido a uma conceção generalizada na sociedade e que permeia os serviços sociais no apoio a pessoas em situação de sem-abrigo. Como sublinham Curto e Stefani (2021), a culpabilização é um aspeto central da apreciação coletiva sobre o estar em situação de sem-abrigo, o que dificulta as possibilidades desta população avançar na realização das suas necessidades, preferências, sonhos e opiniões. A tomada de consciência acerca das raízes culturais inscritas nas atuais políticas e serviços sociais seria um passo importante na direção de um bem-estar baseado em direitos, visando o empoderamento das pessoas beneficiárias.

Para além disso, e considerando que a intervenção precoce também procura promover o empoderamento, é necessário que o/a profissional adote uma postura dialógica. Tal implica assumir que não tem o melhor conhecimento acerca do objetivo e de como lá chegar. Assim, o/a profissional não deverá procurar orientar mas sim apoiar. Só através desta perspetiva, a pessoa será apoiada na construção do futuro desejado, mais autêntico, com objetivos definidos e uma lista de coisas que gostaria de fazer.



Com este fim em vista, torna-se evidente que a avaliação e a reformulação das metodologias e práticas utilizadas no trabalho de intervenção seria uma mais-valia. As Práticas Dialógicas e a metodologia de co-planeamento capacitante implementadas no projeto HOOD visam oferecer uma perspetiva inovadora e ferramentas coerentes nesta matéria. No âmbito das Práticas Dialógicas e da Abordagem do co-planeamento capacitante há, de facto, uma mudança na relação de poder, que é redistribuído. Retira-se a dinâmica em que o/a profissional define o melhor caminho para a pessoa e espera que ela se fidelize a essa proposta e procura-se empoderar a pessoa beneficiária na orientação da intervenção, tornando-se o/a profissional uma ferramenta de apoio.

Na atividade dialógica, o objeto do discurso (o problema, a necessidade, a intervenção...) é definido não por uma única voz, mas por uma multiplicidade de vozes. O/a profissional e a pessoa beneficiária estão numa relação de igualdade: ninguém tem o direito de dar a descrição única e final do evento ou da situação. De facto, cada pessoa precisa de outras para moldar coletivamente os significados. A abertura de espaços sem respostas pré-definidas, o acontecer de coisas que não foram planeadas, o repensar e a mudança de caminho pela pessoa beneficiária são elementos bem-vindos. Todos eles fazem parte do processo de redefinir os significados que os/as profissionais têm que promover e não dificultar.

Uma efetiva redistribuição de poder também pretende acabar com o objetivo de mudar o que o outro vê, pensa e faz de forma unilateral, permitindo a construção de relacionamentos autênticos. Ao mesmo tempo, quando o/a profissional for capaz de perceber que não detém a definição unívoca da situação, precisará de um real comprometimento de todas as pessoas envolvidas.



Espera-se que as reflexões metodológicas sobre redistribuição de poder e intervenção precoce funcionem de forma articulada. Com efeito, a redistribuição do poder deve ser implementada desde o primeiro contacto com as pessoas em situação de sem-abrigo, de modo a desenvolver um percurso coerente, orientado para o empoderamento das pessoas e para o alargamento das suas escolhas e possibilidades de vida.

Mais informações sobre o projeto HOOD estão disponíveis no website: www.hoodproject.org, onde poderá registar-se na mailing-list do projeto. Poderá, ainda, obter mais informações sobre o projeto, através de uma segunda secção, ao lado das “factsheets”, denominada como “bites”. ‘Bites’ são considerações mais informais e mais breves que surgiram do desenvolvimento do projeto HOOD e que podem ajudar outros/as profissionais, decisores/as políticos, investigadores/as e, de uma maneira geral, todas as pessoas a melhor entender o trabalho desenvolvido. Para além disso, como a abordagem dialógica é intrínseca ao nosso projeto, será sempre um prazer partilhar os nossos próximos passos com quem manifestar interesse: entre em contacto connosco!

Referências:

Baptista, I. and Marlier, E. (2019), "Fighting homelessness and housing exclusion in Europe: A study of national policies", European Social Policy Network (ESPN), Bruxelas: Comissão Europeia. Disponível em: <https://op.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/2dd1bd61-d834-11e9-9c4e-01aa75ed71a1/language-en>.

Curto N. and Stefani S. (2021), "Per un welfare delle aspirazioni: il progetto HOOD Homeless's Open Dialogue", Epale Journal, v. 9, pp. 108-115.

Gaetz S. and Dej E. (2017), A New Direction: A Framework for Homelessness Prevention. Toronto: Canadian Observatory on Homelessness Press. Disponível em: https://www.homelesshub.ca/sites/default/files/attachments/COHPreventionFramework_1.pdf

Galtung, J. (1969), "Violence, Peace, and Peace Research", Journal of Peace Research, Vol. 6, No. 3 (1969), pp. 167-191, Sage Publications, Ltd.

Lee, B. X. (2019), Violence: An Interdisciplinary Approach to Causes, Consequences, and Cures, John Wiley & Son..

Maini-Thorsen, Af Anne-Sofie (2018), Jeg kan godt lide, når jeg kan dufte, at jeg har vasket fingre – En eksplorativ undersøgelse af kvinders erfaring med hjemløshed [Eu gosto de cheirar a sopa depois de lavar as mãos: um estudo exploratório sobre a experiência de mulheres em situação de sem-abrigo], København, Projeto Udenfor. Disponível em: https://udenfor.dk/wp-content/uploads/2018/08/En-eksplorativ-undersøgelse-af-kvinders-erfaringer-med-hjemløshed_til-download.pdf.

Meo A. (2000), "L'esperienza della vita in strada", in *Vite in bilico. Sociologia della reazione a eventi spiazzanti*, Liguori, Napoli, pp. 113-179. Pleace, N. (2016), "Exclusion by Definition: The Underrepresentation of Women in European Homelessness Statistics", Mayock, P. and Bretherton, J. (Eds.) *Women's Homelessness in Europe*, pp.105-126, Londres: Palgrave Macmillan.

Ramsdahl, A.; Vesterbøq, T.; Kirkegaard, A. (2018), Ung og UDENFOR – erfaringer efter tre års arbejde med unge hjemløse på gaden [Jovens e 'Fora da Caixa' – experiências depois de três anos de trabalho com jovens em situação de sem-abrigo], 2018, København, Projeto Udenfor. Disponível em: https://udenfor.dk/wp-content/uploads/2018/08/UngogUDENFOR_samletpdf.pdf.

EU project by



UNIVERSITÀ
DEGLI STUDI
DI TORINO

